

**ACTIVOS QUALIFICADOS DESEMPREGADOS:
ALGUNS RESULTADOS ESTATÍSTICOS**

Luís Miguel Grilo
lgrilo@ipt.pt

RELATÓRIO TÉCNICO
Janeiro de 2004



**INSTITUTO POLITÉCNICO DE TOMAR
Escola Superior de Tecnologia de Tomar
Área Interdepartamental de Matemática**

1 INTRODUÇÃO

Com a taxa de desemprego a crescer em Portugal são já às centenas os desempregados, com qualificações de nível superior, em Portugal. Na tentativa de minorar tal problema foi criado, por despacho do Secretário de Estado do Trabalho de 26 de Setembro de 2002 (despacho nº 22 248/2002, 2ª Série, de 16 de Outubro), o plano de acção para Formação de activos Qualificados Desempregados - FORDESQ, que prevê a realização de cursos de formação nos domínios das “Tecnologias de Informação e da Comunicação” e nos domínios da “Gestão Empresarial”.

Os destinatários deste plano de acção são os desempregados inscritos nos Centros de Emprego com qualificações de nível superior: bacharéis e licenciados, docentes do Ensino Básico, Primário e Pré- Primários, Educadores de Infância e docentes do Ensino Especial. A referida medida visa o reforço das condições de empregabilidade e de adaptabilidade dos desempregados mencionados, através da prestação de uma formação para o desenvolvimento das suas capacidades individuais e profissionais com vista a facilitar a sua integração no mercado de trabalho.

Uma das Instituições que organizou acções de formação foi a Escola Superior de Tecnologia de Abrantes do Instituto Politécnico de Tomar. Tais acções decorreram de Dezembro de 2002 a Abril de 2003, em três cidades: Abrantes, Ponte Sôr e Tomar (com o apoio da PORLVT, I.E.F.P., União Europeia-Fundos Estruturais). Com base em informações disponibilizadas pelos formandos que frequentaram os cursos realizados, naquelas cidades, foi possível efectuar algumas análises estatísticas, muito elementares, e obter informações relativamente interessantes.

2 ANÁLISE ESTATÍSTICA DOS DADOS

Com o intuito de melhor avaliar quem são os desempregados com qualificações superiores, solicitámos aos formandos que respondessem a um pequeno inquérito, onde constavam as questões: idade, sexo, curso que possui e Instituição onde foi obtido. Obtivemos, assim, um conjunto de dados que podemos considerar como uma amostra dos activos qualificados desempregados portugueses. Esta poderá tecnicamente ser definida por amostra de conveniência, obtida de um modo não-aleatório, não sendo por isso aceitável generalizar os seus resultados à população de onde foi retirada, dado não ser suficientemente representativa. Não obstante, neste caso particular, atendendo a algumas características específicas desta amostra, como termos oportunidade de verificar adiante, e com base em algum conhecimento de que dispomos *à priori* sobre o assunto em causa, pensamos que os resultados obtidos neste relatório se situariam relativamente próximos dos que se obteriam para um estudo baseado numa amostra aleatória.

Começamos então por apresentar, na Tabela 1, como se encontravam distribuídos os desempregados inscritos, nos Centros de Emprego (CE) de uma determinada zona do nosso País, que frequentaram as acções de formação:

CENTRO DE EMPREGO	N.º de formandos	%
Abrantes	18	40,0
Montemor-o-Novo	2	4,4
Ponte Sôr	9	20,0
Tomar	16	35,6
Total	45	100,0

Tabela 1: distribuição dos formandos por CE.

Temos, então, que, dos 45 formandos que constituem a dimensão da amostra, 18 estavam inscritos no Centro de Emprego de Abrantes e 16 no de Tomar, o que perfaz mais de 75% da amostra. Dos restantes, 9 estavam inscritos no Centro de Emprego de Ponte Sôr e apenas 2 em Montemor-o-Novo (frequentando estes últimos o curso na Cidade de Ponte Sôr).

No que respeita à distribuição dos formandos por sexo, verificámos que 80% dos participantes são do sexo feminino (36 mulheres e, apenas, 9 homens). É sabido que, as mulheres frequentam e terminam em maior número o seu curso superior e consequentemente, no universo de diplomados, as mulheres encontram-se em maior percentagem. Parecem ser mais dedicadas e perseverantes, talvez fruto de uma maior maturidade e estabilidade emocional que, de acordo com alguns especialistas, é mais precoce do que nos homens, o que faz com que frequentem em maior número o ensino superior e atinjam graus académicos mais elevados. Por outro lado, a pequena dimensão do nosso país conjugada com a preferência pelos homens, que parece persistir em algumas entidades empregadoras, faz com que estes se encontrem em menor percentagem no desemprego (20%, neste caso).

Uma outra variável de interesse é a idade dos formandos. Atente-se, então, na Tabela 2 que se segue:

ESTATÍSTICAS	Idade do sexo fem.	Idade do sexo masc.	Amostra total
Dimensão - <i>n</i>	36	9	45
Mínimo	22	23	22
Máximo	47	39	47
Média	27,2	27,8	27,3
Mediana	26	26	26
Moda	26	26	26
Desvio padrão	5,6	5,1	5,4
1.º quartil	23,3	24,0	24,0
3.º quartil	28	31	29

Tabela 2: estatísticas relativas à variável idade.

A idade mais baixa (22 anos) e a mais elevada (47 anos), correspondem a dois formandos do sexo feminino. A primeira encontra-se à procura do primeiro emprego e a segunda perdeu o emprego de docente (um sinal do decréscimo demográfico com repercussões sobre o encerramento de algumas escolas, nomeadamente as particulares). Deste modo, para a amostra total, a amplitude do intervalo de variação das idades é de $47-22 = 25$ anos. De referir ainda que, as idades mais elevadas de ambos os sexos (47 e 39 anos), consideradas atípicas das restantes, fazem com que estatísticas sensíveis a valores extremos, como a média e o desvio padrão (aproximadamente, 27 anos e 5 anos, respectivamente), sejam medidas menos representativas da amostra. Assim, em termos de medidas de tendência central, é mais aconselhável atender ao valor da mediana que, neste caso, é de 26 anos, dado não ser influenciada por valores extremos. A dispersão das observações, em relação à média, pode ser avaliada pelo desvio padrão ou, neste caso, é mais apropriado o coeficiente de variação (medida de dispersão relativa que é dada pela relação, em termos percentuais, entre o desvio padrão e a média da distribuição) que é de, aproximadamente, 20,6% para o sexo feminino e de 18,3% para o masculino. Assim, podemos concluir que as idades das mulheres apresentam uma maior dispersão relativa. Em termos práticos, é comum considerar-se que a média da amostra será tanto mais representativa quanto menor o valor deste coeficiente, desde que inferior a 50%. Ora, neste caso, e pese embora o que foi dito acima, a média pode considerar-se representativa das idades em ambos os sexos, embora exista uma ligeira diferença favorável aos homens. Da observação dos quartis, para a amostra total, temos que 50% dos formandos têm uma idade entre os 24 e os 29 anos. Na Figura 1, visualiza-se uma distribuição unimodal assimétrica positiva, como era esperado, pois a maioria dos activos qualificados desempregados é constituída por jovens à procura do primeiro

emprego. O valor da moda é, também, 26 anos para 10 formandos e outros tantos estão acima dos 30 anos, dos quais 5 têm 35 ou mais anos.

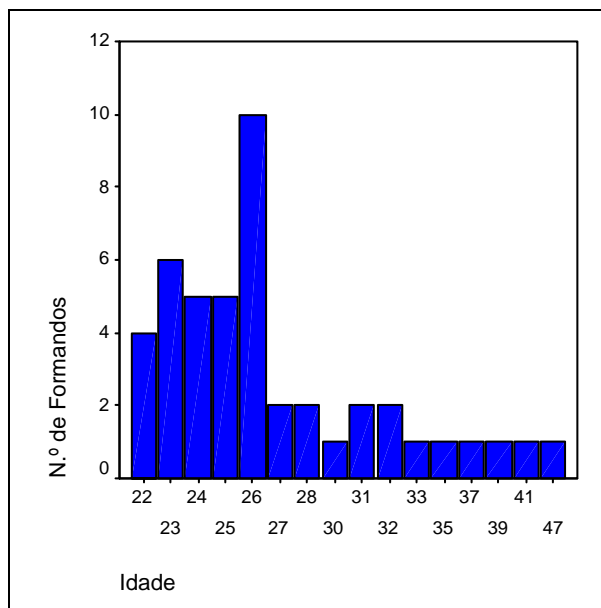


Figura 1: gráfico de barras da variável idade.

Em termos das habilitações literárias, a maioria dos formandos da amostra possui licenciatura, 71,1% “contra” 28,9% com bacharelato. De salientar que, os cursos de docentes do Ensino Básico, Primário e Pré-Primários, Educadores de Infância e docentes do Ensino Especial foram inseridos, depois de uma análise cuidada, dentro das opções bacharelato e licenciatura. Não só com o objectivo de facilitar a apresentação e interpretação dos resultados, mas porque de facto vários dos cursos mencionados, são actualmente ministrados por Universidades ou Institutos Politécnicos e o grau final é a licenciatura ou bacharelato. Apesar de não verificarem a condição anterior, equiparámos os restantes cursos ao grau de bacharelato, dado admitirmos que o grau obtido é de certo modo comparável.

Na Tabela 3, de dupla entrada, podemos verificar que a maioria dos homens possui bacharelato (55,6%), enquanto que a quase generalidade das mulheres possui licenciatura (77,8%). Num teste estatístico, realizado à independência das duas variáveis, rejeitamos a hipótese da independência, com uma confiança de 95%. Assim, e em parte de acordo com o que já havíamos dito anteriormente, parece existir dependência ou associação, ainda que fraca, entre as variáveis: sexo e habilitações literárias.

Hab. lit.	Bacharelato	Licenciatura	TOTAL
Sexo			
Feminino	8 22,2%	28 77,8%	36 100,0%
Masculino	5 55,6%	4 44,4%	9 100,0%
TOTAL	13 28,9%	32 71,1%	45 100,0%

Tabela 3: cruzamento das variáveis sexo e hab. literárias.

As Instituições de ensino superior, onde foram obtidos os cursos dos formandos da nossa amostra, constam da Figura 2 que se segue:

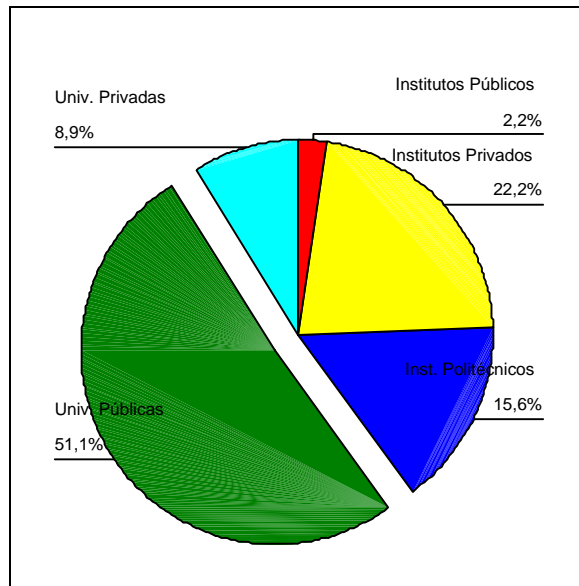


Figura 2: gráfico circular sobre as Instituições de ensino superior.

Da observação do gráfico circular, destacamos os 51,1% que frequentaram as Universidades Públicas, ou seja, a maioria (numa análise mais pormenorizada à amostra constatamos que essas Universidades foram: U. do Minho, U. de Aveiro, U. de Coimbra, U. Nova de Lisboa, U. de Lisboa, U. de Évora, U. do Algarve e a U. Aberta). Em segundo lugar surgem os Institutos Privados (ISLA, Alliance F. e Escolas Superiores de educação), com 22,2%. Na terceira posição os Institutos Politécnicos Públicos (I.P. Castelo Branco, I.P. Tomar, I.P. Portalegre, I.P. Santarém, I.P. Beja), com 15,6%, seguidos das Universidades Privadas (U. Autónoma de Lisboa, U. Moderna, U. Independente, U. Internacional), com 8,9%. E, por fim, os que consideramos por Institutos Públicos (neste caso, apenas, o ISCTE), com 2,2%.

Na Tabela 4, verificamos que a maioria das mulheres (55,6%) obteve o grau académico em Universidades Públicas e mais de 1/4 em Institutos Privados (27,8%). Em relação aos homens, também, 55,6% obteve o curso em Institutos Politécnicos, uma percentagem significativa em Universidades Públicas (33,3%) e os restantes em U. Privadas (11,1%). Não existem, nesta amostra, indivíduos do sexo masculino com cursos obtidos em Instituições que designámos por Institutos Públicos e por Institutos Privados.

I. ensino sup. / Sexo	Institutos Públicos	Institutos Privados	Institutos Politécnicos	Universidades Públicas	Universidades Privadas	Total
Feminino	1 2,8%	10 27,8%	2 5,6%	20 55,6%	3 8,3%	36 100,0%
Masculino			5 55,6%	3 33,3%	1 11,1%	9 100,0%
Total	1 2,2%	10 22,2%	7 15,6%	23 51,1%	4 8,9%	45 100,0%

Tabela 4: cruzamento das variáveis sexo e Instituições de ensino superior.

No que diz respeito às áreas do saber, em que se podem inserir os diferentes cursos dos formandos (Figura 3), confirma-se o que se vai dizendo e ouvindo nos diversos meios de comunicação social: Ciências Sociais e Humanas (da amostra fazem parte, por exemplo: Sociologia, Psicopedagogia, História, Gestão de Recursos Humanos, Gestão Com. e Marketing e Gestão Hoteleira), Líng. e Literaturas (L. e Literaturas Modernas: Português/Latim e Grego, Português/Francês, Português/Inglês, Português/Alemão e Francês/Inglês) e Ensino Básico, por esta ordem, ocupam os três primeiros lugares, com 28,9%, 24,4% e 17,8%, respectivamente.

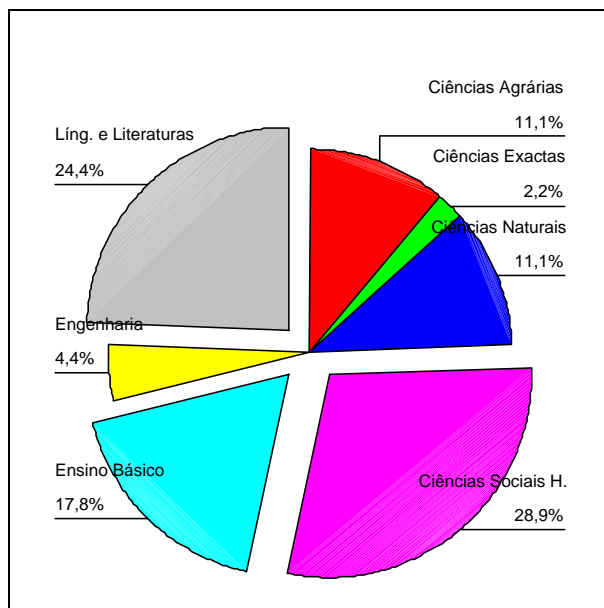


Figura 3: Gráfico circular sobre as diferentes áreas do saber.

Na quarta posição *ex-aequo*, com 11,1%, encontram-se as Ciências Agrárias (Agro-Industrial, Produção Florestal, Produção Agrícola) e as Ciências Naturais (Biologia, Geografia, Ecologia, Biotecnologia). Um número muito reduzido ou mesmo a inexistência de pessoas, inscritas nos Centros de Emprego, das áreas da Engenharia (4,4%), Ciências Exactas (2,2%) e da Saúde era de algum modo esperado.

Da Tabela 5, podemos retirar várias ilações do cruzamento das variáveis: sexo e áreas do saber. Em relação ao sexo feminino verificamos que, nesta amostra, 27,8% (10 mulheres, mais precisamente) possuem um curso na área das Ciências Sociais e Humanas e exactamente a mesma percentagem possui um curso de Línguas e Literaturas; muito próximo, encontram-se as que têm um curso de docentes do Ensino Básico (22,2%). Temos, apenas, uma mulher com o curso de Ciências Exactas (Matemática, ramo ensino, obtido na U. Coimbra) e duas com o curso de Engenharia (Eng.^a Agrícola obtido na U. Évora e Eng.^a Mecatrónica do IST - U. Técnica de Lisboa). Em relação ao sexo masculino, em muito menor número nesta amostra, temos que os cursos da área das Ciências Agrárias (44,4%) estão, ligeiramente, à frente dos cursos da área das Ciências Sociais e Humanas (33,3%). Nenhum dos homens da amostra, inscritos nos referidos Centros de Emprego, possuem cursos de Ciências Exactas, Ensino Básico ou Engenharia. Ao contrário do que acontecia no passado, é hoje possível encontrar mulheres em praticamente todo o tipo de cursos e Instituições de ensino superior, como se pode confirmar pelas Tabelas 4 e 5.

Área do saber \ Sexo	Ciências Agrárias	Ciências Exactas	Ciências Naturais	Ciências Sociais e H.	Ensino Básico	Eng. ^a	Línguas e Literaturas	Total
Feminino	1 2,8%	1 2,8%	4 11,1%	10 27,8%	8 22,2%	2 5,6%	10 27,8%	36 100,0%
Masculino	4 44,4%		1 11,1%	3 33,3%			1 11,1%	9 100,0%
Total	5 11,1%	1 2,2%	5 11,1%	13 28,9%	8 17,8%	2 4,4%	11 24,4%	45 100,0%

Tabela 5: cruzamento das variáveis sexo e área do saber.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em jeito de retrospectiva, do breve estudo realizado, começamos por referir que a nossa amostra nos parece muito heterogénea (de notar, por exemplo, a diversidade dos cursos superiores dos formandos e das Instituições onde foram obtidos), o que nos permite pensar que estamos perante uma amostra relativamente representativa da população portuguesa. Em síntese, podemos afirmar que, a maioria dos activos qualificados no desemprego tem menos de 29 anos de idade, são em muito maior percentagem do sexo feminino e possuem, quase na generalidade, o grau de licenciatura em cursos da área das Ciências Sociais e Humanas, Línguas e Literaturas Modernas e Ensino Básico, que obtiveram maioritariamente em Universidades Públicas.

Em relação aos formandos e à experiência que tivemos enquanto formadores, julgamos importante referir que, pelo menos, numa fase inicial destes cursos uma parte não muito significativa dos formandos se encontrava desmotivada. No entanto, o convívio com colegas em situação semelhante, a oportunidade de trocar informações com desempregados que já haviam tido experiência profissional e, ainda, o sentir que se está a dar o tempo por bem empregue, foram motivos que contribuíram, para que ao longo do tempo, alterassem a sua postura. É de realçar que, no final do curso a generalidade dos formandos considerava muito importante a existência destes cursos e apontavam como principais factores: o contacto com áreas hoje tão importantes como a Gestão e as Tecnologias da Informação e Comunicação, onde frequentaram, entre outros, os módulos de Informática e de Estatística; e, o facto de se encontrarem mentalmente ocupados enquanto aguardam uma oportunidade de emprego.

De salientar que, algumas das matérias focadas nestes cursos não eram propriamente das áreas de especialização onde se inserem os cursos superiores que os formandos possuem. O que fez com que uma pequena percentagem comentasse: “*sempre fugi da Matemática e afins e agora ...*”. No entanto, a maioria compreendeu que esse é exactamente o objectivo destes cursos, permitir que pessoas detentoras de um curso de menor procura no mercado possam adquirir conhecimentos em áreas onde há maiores carências e, assim, disporem de um maior leque de oportunidades. Importa referir que, na fase final do curso alguns formandos (com cursos de História e Línguas e Literaturas Modernas), que tiveram pela primeira vez contacto ou só havia contactado ligeiramente, com determinadas matérias ministradas nestes cursos, tenham comentado que não tomaram a decisão mais correcta no ensino secundário ao preterirem as áreas que contemplavam a Matemática e que agora, até, tinham percebido e achado interessante. Chegaram, inclusivamente, a afirmar que iriam tentar tirar um outro curso superior.

Estes últimos comentários levam-nos a tecer as considerações seguintes: é sabido que, a proporção de alunos que no 10.º ano de escolaridade opta pelas áreas das Humanidades e Línguas e Literaturas é superior aos que escolhem a área Científico-tecnológica e que, por vezes, tomam esta decisão para evitarem a disciplina de Matemática. São, obviamente, muitos os factores que estão na base de tal atitude e, também, não pretendemos discrimina-los a todos mas, alguns alunos, têm por hábito apontar a falta de capacidade dos docentes para os cativar em certas matérias e, alguns professores, queixam-se normalmente da falta de interesse, motivação e trabalho de alguns estudantes. Enfim, se pensarmos no sentimento negativo que envolve a Matemática e que certamente contribui para o elevado insucesso à disciplina, no nosso País; e, ainda, no turbilhão de emoções e sentimentos (sabemos hoje que andam de mão dada com a razão - *vide* “O Erro de Descartes” de António Damásio) que passam nas cabeças dos jovens que têm de tomar tão importante decisão nas suas vidas, num cenário de incerteza, talvez se compreenda melhor porque tantos alunos se afastam da área Científico-tecnológica.

Esperamos, no entanto, que nos próximos tempos este desequilíbrio se vá atenuando, uma vez que, actualmente a maioria da população escolar, bem como os pais e os educadores, se encontram bem esclarecidos, têm acesso fácil à informação, nomeadamente através da *Internet*; e, as escolas dispõem de técnicos, como por exemplo, Psicólogos, que informam e auxiliam os alunos na sua tomada de decisões, através de uma análise das suas aptidões. Para os estudantes

que seguirem Línguas e Literaturas ou determinadas áreas das Humanidades julgamos ser conveniente manter o contacto com as novas tecnologias e com a Matemática e afins, dado que muitos são os alunos, dessas áreas, que acabam por entrar em cursos superiores que contemplam no seu currículo disciplinas de Informática, Matemática e Estatística. Para além disso, com a preocupação, relativamente actual, em reestruturar alguns cursos superiores (entenda-se por reestruturar: alterar e adaptar os currículos dos cursos a uma nova realidade), pode acontecer que as referidas disciplinas surjam com uma maior importância, ou até pela primeira vez, em alguns cursos.

A outra nota, que gostaríamos de deixar, prende-se com os comentários de alguns dos formandos sobre a possibilidade de tirar um segundo curso superior, com mais procura no mercado. Temos, efectivamente, como docentes do ensino superior Politécnico, vindo a verificar um aumento do número de alunos que pretendem frequentar e certamente obter um segundo curso superior, os motivos que estão na base de tal decisão deverão ser: não encontrar emprego e a proximidade, do local de residência, de uma Instituição de ensino superior (neste caso, o aumento do número de Institutos Politécnicos pelas regiões mais interiores do País veio facilitar tal facto). O segundo curso, na maioria das vezes, é em áreas próximas do primeiro, o que pode eventualmente acelerar o segundo, pois são normalmente estabelecidas equivalências a algumas disciplinas; há, no entanto, quem venha de áreas diferentes o que mostra bem a percepção da necessidade de polivalência, o que numa primeira abordagem parece obviamente positivo. Mas, no entanto, convém não esquecer que este fenómeno tem, certamente, implicações a nível socio-económico, uma vez que, as pessoas que logo após a conclusão do curso não entram no mercado de trabalho atrasam habitualmente todo um projecto de vida, desde logo, o início de uma carreira profissional e a, eventual, constituição de família.

É convicção de todos que, uma atitude passiva, ficando à espera do contacto do Centro de Emprego, não é certamente a mais adequada e, parece-nos ainda inevitável que, o futuro de uma parte da população com curso superior, deverá passar pela criação de empresas pelo tele-trabalho e, eventualmente, por trabalho precário, o que deverá ser visto de uma forma sempre optimista, uma vez que em última análise é um modo de ganhar currículo, até se encontrar algo mais seguro. Importa, todavia, ter presente que muitos consideram que, o conceito de um emprego para toda a vida tem de ser abandonado, tal como se vem verificando noutros Países, e atendendo a que vivemos actualmente numa aldeia global, a mobilidade europeia e a perfeita comparabilidade dos diplomas, vai certamente permitir o desenvolvimento de um espaço europeu do ensino superior (aliás, na linha da Declaração de Bolonha), onde a hipótese de estudar e/ou trabalhar noutro País da Europa (ou, nos PALOP, alternativa que, também, nos parece muito interessante!) não deve ser colocada de parte. Enfim, convém não esquecer o que já diziam os estóicos: o Homem é cidadão do mundo!

A terminar, gostaríamos de referir que algumas das considerações finais são porventura sobre assuntos recorrentes e que, evidentemente, esta é apenas, mais uma, a nossa, perspectiva de observar os factos.